



A epistemologia semiótica de Louis Hjelmslev: uma teoria utópica da linguagem*

Waldir Beividas (USP)^{*}

Resenha de: Badir, Sémir. *Épistémologie sémiotique. La théorie du langage de Louis Hjelmslev.*

Paris: Honoré Champion, 2014. 411 páginas.

Sémir Badir, Mestre de Pesquisas no Fundo Nacional da Pesquisa Científica - FNRS da Universidade de Liège (Bélgica), especializado em linguística e semiótica de linhagem saussuriana e hjelmsleviana, publicou ano passado o livro acima, em importante casa editorial parisiense fundada em 1874. Mesmo que já tivera sido notado por A. J. Greimas em prefácio ao livro *Le langage* de Louis Hjelmslev (1966), linguista dinamarquês, que sua teoria da linguagem se mostrava como uma *epistemologia* das ciências humanas, o livro de Sémir Badir vai além: é a primeira, portentosa e minuciosa pesquisa a *demonstrar* esse estatuto epistemológico da teoria de Hjelmslev, igualmente autor dos importantes livros, já traduzidos ao português, *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem* (São Paulo: Editora Perspectiva, 1975), e *Ensaio Linguísticos*, pela mesma editora (1991).

O volumoso livro de Sémir Badir, mais de 400 páginas em tipografia pequena, apresenta o resultado de uma década de anos de pesquisa e reflexão voltadas não apenas a uma interpretação cuidadosa do pensamento do linguista de Copenhague. Bem mais que isso, nos oferece as vias de como a teoria de Hjelmslev está montada de forma, ela mesma, a criar as condições de sua própria interpretabilidade. Noutros termos revela uma teoria que constrói, nas palavras de Badir “uma interpretação da teoria da linguagem que adere ao universo de racionalidade que é o seu próprio” (Badir, 2014, p. 14). O livro defende uma tese: a teoria da linguagem de Hjelmslev não é apenas uma teoria linguística. Quase desconhecida nos meios linguísticos – poucos linguistas estão familiarizados com seus *Prolegômenos*, menos ainda com seus *Ensaio linguísticos* – Sémir Badir revela a outra face da teoria de Copenhague. Ela ultrapassa

amplamente as preocupações descritivas habituais dos linguistas. Há nessa teoria o estatuto de uma verdadeira epistemologia, qual seja, teoria “do modo pelo qual se adquire o conhecimento na e pela linguagem” (Badir, 2014, p. 8).

Os dois primeiros capítulos são ajustes necessários aos esclarecimentos sobre o tipo de interpretação a ser levado adiante, espécie de acordo, ao modo de um convite ao leitor interessado, convite fiduciário: um primeiro “veja bem”, para que nos capítulos nucleares ele seja convidado a um “acompanhe-me”. Isto porque o caminho a ser mostrado tratar-se-á não de uma interpretação da teoria da linguagem de Hjelmslev do alto de algum ponto de vista superior, mas de um engajamento interpretativo no *interior* da sua própria racionalidade, interpretação por dentro, não de fora, e levar o seu alcance epistemológico ao limite máximo, tão longe quanto possível. É então que, no percurso, o leitor descobrirá que a teoria da linguagem de Hjelmslev é mais do que uma teoria linguística local, dentre as outras. É antes uma epistemologia criteriosa, a se apresentar como “utopia”: uma “construção ideal da linguagem enquanto objeto de conhecimento” (Badir, 2014, p. 12). Para acompanhar a reflexão, o texto de Badir não exige nenhuma especialização mais acurada e prévia sobre linguística por parte do leitor. Só lhe espera o que o próprio texto pede: “a capacidade de abstração, de generalização, o desejo de aprofundamento dos conceitos e de sua explicitação”, para enfim perseguir “uma teoria utópica da linguagem” (Badir, 2014, p. 14).

Em seu movimento global, a reflexão de Badir procura interrogar a teoria da linguagem de Hjelmslev em função das grandes e decisivas questões epistemológicas: (i) o que vem a ser um

* DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2016.120540

* Professor Livre-Docente no Departamento de Linguística (Graduação) da Universidade de São Paulo - USP - e do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral. Endereço de e-mail: waldirbeividas@gmail.com

objeto de conhecimento? (ii) como tal objeto se apresenta ao conhecimento? (iii) quais meios devem ser acionados para justamente conhecê-los? São sete os capítulos do livro que se aventuram a enfrentar tais questões.

1. O primeiro capítulo, intitulado *Dados*, inicia uma discussão que se propõe a apenas abrir a amplidão das dificuldades que são postas à teoria da linguagem em seus começos, discussão que vai ocupar a reflexão dos capítulos seguintes: que dados são os dados de uma teoria da linguagem? Observando o conjunto dos primeiros cinco capítulos do *Prolegômenos* de Hjelmslev, julgados um tanto disparatados pelas suas temáticas heterogêneas, o autor entende que na verdade eles põem como problema uma relação geral com a filosofia e em particular com a filosofia primeira, a que trata das relações entre a “realidade” e a “teoria”, como se a temática dos capítulos quisesse apresentar as dificuldades, tal como muralhas a ultrapassar ou até mesmo a trespassar (Badir, 2014, p. 24). Evocando Kant e sua *Crítica da razão pura* nota que o capítulo 6 do *Prolegômenos* na verdade se posiciona perante o desafio de descrever, não contraditoriamente e exaustivamente, *objetos dados*. Estarão esses dados *já dados* na experiência, na sua realidade empírica a exigir naturalmente um método *indutivo*? É aqui que, contrariamente à tradição teórica da linguística, e mesmo ciente de que choca os epistemólogos, o mestre de Copenhague vai propor uma teoria de método *dedutivo*. Como então conciliar dados e dedução? Eis a bela questão epistemológica.

2. Intitulado *Teoria*, o segundo capítulo concentra sua temática para responder três questões com vistas a provocar um “encontro” entre a teoria da linguagem e a epistemologia: (i) o que é uma teoria da linguagem? (ii) que concepção de linguagem é convocada por Hjelmslev? (iii) que função atribuir aos *Prolegômenos* dessa teoria e a que vêm eles? Isso porque para Hjelmslev o conceito de teoria, caso não o queiramos ver aviltado e desacreditado, tem de ser o de um *sistema dedutivo puro*. Como então esse sistema pode se ajustar com uma “ciência empírica”? Para abordar a questão Badir tematiza mais diretamente três dos importantes conceitos hjelmslevianos: (i) o princípio do *empirismo*; (ii) o princípio da *adequação* da teoria aos objetos de conhecimento descritos e (iii) o princípio da *imanência* da teoria. As três incursões são muito fecundas no esclarecimento do pensamento do linguista dinamarquês, frente ao aparente paradoxo, empirismo e dedutivismo. Merecem destaque as reflexões que ajustam o princípio da imanência a permitir assentar a teoria da linguagem em caráter de “representação do mundo como semiologia” frente a outras posições que o vê como “cosmologia ou antropologia” (Badir,

2014, p. 64). Os resultados que colhe dessa tríplice incursão permite-lhe comparar os fundamentos epistemológicos da teoria de Hjelmslev com a sólida tradição epistemológica de Karl Popper.

3. O terceiro capítulo, que constitui com o quarto e o quinto o coração da tese do livro de Sémir Badir, intitula-se *Semiótica*. Tematiza a questão do *objeto*: o que vem a ser propriamente dito uma linguagem? É onde o autor adentra o livro-mor da teoria de Hjelmslev intitulado *Resumo de uma teoria da linguagem*, trabalho monumental do linguista, juntamente com seu parceiro Hans Jørgen Uldall, trabalho que lhes ocupou uma vintena de vida pensante e que, infelizmente, não pôde ver publicado em vida. Badir discute e esclarece longamente a origem inglesa do uso da expressão “semiótica” para denominar o objeto. A tradução utilizada o foi para expressões do original dinamarquês, sobretudo em textos preparatórios ao *Resumo*, que se apresentavam ora como *linguagem (sprog)* ora como *semiologia (semiologi)*, esta mais precoce que aquela (por exemplo: *processo semiológico, endossemiologia* para indicar linguagem denotativa ou semiótica denotativa tal como ficou traduzido). De modo que em Hjelmslev os termos “linguagem e semiologia designam um mesmo objeto” (Badir, 2014, p. 80).

Badir esclarece com propriedade para o público leitor dos *Prolegômenos*, embora pequeno bem mais amplo do que os parcos leitores do *Resumo* que, enquanto aquele caminha seus capítulos alargando “o espectro teórico para um objeto mais geral do que as línguas”, o *Resumo* se dá de imediato esse *objeto geral*, de modo a fazer a teoria da linguagem se tornar “teoria de um objeto novo, não captado pelos linguistas, porque mais geral que as línguas”. O feito hjelmsleviano não para aí: a teoria que propõe tem por objeto um objeto semiótico e “é de pronto estabelecida como uma semiótica ela própria; é, pois, uma teoria semiótica imanente a seu objeto” (Badir, 2014, p. 82). O capítulo prossegue ocupando mais de sessenta páginas a discutir algumas das mais de quatrocentas *definições* do *Resumo*, tais como “hierarquia”, “classe”, “uniformidade”, “mutação”, “binaridade”, a definição da própria “semiótica”, a semiótica como “proporção”, as “semióticas complexas” – “polissemiótica” e “intersemiótica” – “semiótica conotativa”, “semiótica denotativa”. Brinda ademais o leitor com a conceptualização de um termo que aparentemente estivera como que esquecido de entrar no corpo definitório: Badir teoriza longamente a expressão “mútuo” (*mutuel*) que aparece como adjetivo (relação mútua, mutação mútua) mas sem ter recebido definição específica na imensa catedral definitória do linguista.

4. O quarto capítulo tem por temática, depois das reflexões sobre a questão do objeto, isto é, da linguagem, a questão de como chegar a esse objeto

que se apresenta como linguagem. Este acesso ao objeto linguagem, ou objeto semiótica, se dá pelo *Texto*. É o termo que intitula o capítulo. Numa linguística que à época apenas lidava com palavras e concatenações de palavras até o limite da frase, a proposta hjelmsleviana de tomar diretamente o texto como lugar de acesso teórico da linguagem tem de ser tida e reconhecida como uma “novidade” desde os *Prolegômenos* (lembramos, de 1943). Mas, continua Badir, o conceito de texto não é simples, contra todas as aparências. Tal como ocorre com o conceito de *vida*, que tem de responder pela vida em geral e pelas vidas particulares, quando cessa alguma destas, aquela continua a se manter; de igual modo texto acaba tendo de ser duplamente definido: seja como “conceito teórico”, seja como “objeto empírico”, tendo aquele que dar conta deste (Badir, 2014, p. 141).

Na tensão dessa dupla condicionante, o texto atrai uma *questão epistemológica*, o que, simplificando e resumindo bastante a discussão levada a efeito por Badir, pode ser colocada sob a forma de duas particularidades do texto e uma terceira, consequência delas, três particularidades não explicitadas nos *Prolegômenos* de Hjelmslev mas que têm toda a pertinência no exame de Badir: (i) há no texto uma “indistinção entre o objeto e os meios de seu conhecimento”, ou seja, só se pode conhecer o texto através de *enunciados* que têm a mesma natureza sua; (ii) há no texto “indistinção entre o objeto e seus constituintes”, ou seja, as suas partes não gozam de autonomia, são integralmente “dependentes do próprio texto”; (iii) a terceira particularidade é que o texto não tem nenhuma função particular, serve para tudo, “pode significar não importa o quê, pode ser empregado em qualquer contexto” (Badir, 2014, p.142-145).

Mas há também uma quarta particularidade, esta sim já tematizada desde os *Prolegômenos*. Decorre do fato de que os constituintes do texto “são manifestados por todos os *sentidos*”. Eis que entra em cena o termo *mening* do dinamarquês, que ficou famoso no campo dos semioticistas, o qual poderia ter sido traduzido por *meaning* em inglês, mas que foi preterido pelo termo *purport*. A tradução francesa, endossada pelo próprio Hjelmslev, ulteriormente, no texto “La stratification du langage” (1954), publicado em seus *Ensaio Linguísticos*, reteve *sens* e *matière*. Badir discute em minúcias o semantismo dessas expressões, colocando-as também em confronto com o termo inglês *purpose* e o francês *propos* para indicar da forma menos comprometedoras possível o alcance *genérico* e ambivalente do termo original de Hjelmslev. A ambivalência indica que a questão não é simples pois o termo dinamarquês procura *suspender* uma oposição que se cria com as duas expressões acima, como se “matéria”, via de regra, coubesse à ordem *sensível* e “sentido” coubesse mormente ao

inteligível. Neutralizada a diferença e com ela a dificuldade, Badir nos convida a reconhecer que “os constituintes do texto podem ser manifestados para qualquer *propósito*, por qualquer *matéria* e para qualquer *sentido*” (Badir, 2014, p. 149). Lembremos que o termo foi traduzido como “sentido” para o português e que muitos pesquisadores usam também “matéria”, de modo que a reflexão para o francês, em Badir, cabe com praticamente a mesma justeza para o português. Enfim, o leitor terá nessa passagem *matéria* para a reflexão, expressão a provar que o termo também cabe ao inteligível.

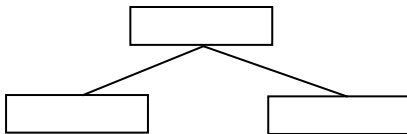
O capítulo prossegue apresentando o texto como “totalidade absoluta e não analisada”, de extensão *indefinida* e, justo por isso, um “objeto universal”. Noutros termos, quando visado pelo conhecimento, o texto “jamais é considerado como um objeto particular”. Tem o estatuto de objeto geral, sendo que sua generalidade é justamente o que constitui sua universalidade (Badir, 2014, p. 150). Tomado pois como totalidade absoluta e não analisada, a reflexão de Badir se move a perseguir os “meios” de analisar tal objeto-texto. Avança comentários de teor altamente técnico sobre as “potências da análise”, sobre os “procedimentos de análise da análise”, sobre as “funções da análise”, estas no sentido bem definitório do conceito de função – como “interdependência”, como “determinação” e como “constelação”. Em seguida, a análise é vista sob os dois eixos ou duas direções pelas quais os constituintes serão examinados, o vetor paradigmático (dos derivados em discretização) e o vetor sintagmático (dos encadeamentos em categorização).

Por fim, o capítulo adentra a análise de pequeno texto-relato de uma experiência inusitada em sala de aula da também linguista e renomada pesquisadora Claudine Normand, para discutir os limites de onde se começa a *interpretação*, limites *a quo*, a questão do texto e sua interpretação, questões sobre a *escritura*, sobre o *código*, a “constituição transcendental” do texto, sobre o percurso “do texto à textualidade”, enfim sobre a “ética da interpretação” (Badir, 2014, p. 168-184).

5. *Metassemióticas* é o título escolhido para o capítulo cinco. Constitui, ao lado dos dois anteriores, o centro nuclear, ocupando nada menos do que sessenta páginas do livro aqui em resenha. Conduz o capítulo ao modo de uma dezena de largos passos reflexivos: (i) a tipologia dos objetos semióticos no *Resumo*; (ii) o critério de cientificidade; (iii) objeto e descrição; (iv) o procedimento da análise; (v) o lugar do objeto a ser descrito; (vi) questões sobre a forma das semióticas não denotativas; (vii) análise sintagmática não denotativa: a semiótica conotativa; (viii) análise paradigmática não denotativa: as Metassemióticas; (ix) o uso de uma semiologia e (x) síntese. Os próprios passos acima intitulados já corroboram o

estatuto epistemológico da teoria: não se lança a particionar seu objeto em subpartículas, digamos, desarvoradamente, sem antes observar uma *tipologia*, “em arborescência”, dos objetos sob exame e a que teorias ou disciplinas eles caberão, com que critérios científicos serão observados, e que procedimentos serão acionados. O leitor estará aqui sendo lembrado do seu compromisso fiduciário: o esforço de abstração e de generalização, porque está em jogo uma teoria concebida como um sistema dedutivo puro.

Assim, Badir comenta a tipologia em bifurcação arbórea apresentada no *Resumo*, da edição inglesa traduzida por Francis Whitfield (1953), juntamente com uma adaptação que lhe ofereceu François Rastier na “Introdução” à coletânea de artigos de Hjelmslev que organizou sob o título *Nouveaux Essais* (1985, Paris: PUF). Em seguida oferece seu próprio quadro tipológico, comentado e demonstrado com fina argumentação. O leitor verá o resultado a que chega à página 196 que apresenta o amplo quadro da “classe de objetos”. Lembremos que objeto tem aqui estatuto geral, a ser examinado por qualquer teoria epistemológica do conhecimento; consideremos que a célula mínima que representa a hierarquia de uma análise é uma bifurcação conforme o pequeno esquema apresentado por Badir (Badir, 2014, p. 93):



A primeira “análise” é sua divisão em *semióticas* e *não-semióticas* (nível 0); as semióticas se dividem em *denotativas* e *não-denotativas*, sendo que aquelas se dividem em *metassemióticas* e *semióticas-objeto*, e que estas se bifurcam em *semióticas denotativas* e *semióticas conotativas* (nível 1); As metassemióticas, por sua vez, se analisam em *metassemióticas científicas* e *semiologias*, sendo que estas se dividem em *semiologias internas* e *semiologias externas* (nível 2); as metassemióticas científicas recebem sua subdivisão em *metassemióticas científicas não-metassemiologias* e *metassemiologias*, sendo que estas se desdobram em *metassemiologias internas* e *metassemiologias externas* (nível 3).

Claro que tirados do contexto das definições de suas abrangências e do desenvolvimento da reflexão no livro de Badir, esses termos tendem a parecer termos de uma metalinguagem rebarbativa. Mas o leitor logo entenderá a novidade: mesmo se na tipologia apresentada na tradução inglesa, bem como sua adaptação por Rastier, haja um lugar

explícito ao objeto *língua* e *texto*, e na tipologia acima não, isso não prejudica a coerência do edifício. A presença específica desses objetos apenas satisfazem, lembra Badir, a rotina habitual do linguista, mas é secundária e “acessória” quando se quer um edifício global para qualquer tipo de semiótica. Portanto, completa Badir, “podemo-nos privar dessa subdivisão sem prejudicar a lógica inerente à tipologia” (Badir, 2014, p. 194). O edifício tipológico tenta epistemologicamente abranger toda e qualquer linguagem, portanto ultrapassar largamente uma teoria linguística *stricto sensu*.

6. O tema do capítulo sexto é basicamente dedicado ao “plano da expressão” ou antes, ao próprio conceito de *Expressão*. Badir relembra-nos que o termo não aparece no rol das definições do *Resumo*, e que nos *Prolegômenos* é proposto, ao lado daquele de “conteúdo” como tendo ambos uma acepção “puramente operacional e formal”. Toma então o termo expressão como se fora um “impensado” da teoria da linguagem de Hjelmslev. Vai buscar o material de sua discussão em outro texto, “A estrutura fundamental da linguagem”, que figura como texto anexo ao *Prolegômenes* (da edição francesa, a brasileira não o contemplou). Discute longamente as análises que Hjelmslev empreende em três conferências suas num curso dado na Universidade de Londres em 1947, texto portanto posterior ao *Resumo* e aos *Prolegômenos*, quando, presume-se, já assentados os pilares do seu edifício teórico. Na intenção de explicar com a maior simplicidade possível a estrutura da linguagem, o linguista da Dinamarca utiliza três exemplos: os sistemas de informação do *semáforo*, do *relógio* e do *telefone*.

Os comentários de Badir são aqui conduzidos com todo o escrupulo exigido para uma análise que se pende sobre um texto não publicado ou revisto pelo próprio autor, deixado inacabado, como notas tomadas para a preparação das conferências, e sobretudo preparado para fins pedagógicos. Munido que está da forte coerência das definições dos textos anteriores, Badir avalia que os exemplos tratados no curso londrino se apresentam “mal conduzidos”, sob o risco de “prejudicar a argumentação teórica que eles têm por função ilustrar” (p. 246). Nota Badir que o linguista afirma o caráter “simples” dos exemplos, sem no entanto explicar no que consistiria tal simplicidade, embora reconheça que caso se dispusesse a fazê-lo, o conjunto deixaria de ser “simples”. Isso no entanto não o impede de problematizar os exemplos levados a efeito pelo linguista e de tentar “remediar assim o silêncio prudente que ele guarda sobre a questão” (Badir, 2014, p. 258). De modo que ao largo das mais de sessenta páginas do capítulo se põe a extrair ao máximo as implicações dos exemplos. Assim é que reflete, primeiro, sobre “o problema da expressão na

Estrutura Fundamental da Linguagem”, a questão da “expressão de um conteúdo”, a própria “simplicidade dos exemplos”, para em seguida tomá-los um a um, o “semáforo”, sua análise enquanto “processo”, no plano do conteúdo, no plano da expressão, sua análise enquanto “sistema”, em ambos os planos; analisa a questão da “conformidade” ou não dos planos, de seu “isomorfismo” e em que isso permite a pergunta: “linguagem ou não?”. Faz o mesmo quanto ao exemplo do *relógio* (Hjelmslev usa por referência o *Big-Ben* londrino) e também quanto ao “discador telefônico”. Ganhos inestimáveis nessa conduta analítica e crítica de Badir logo se revelam: (i) ganho epistemológico: “a teoria da linguagem está apta a fornecer os instrumentos conceptuais necessários à sua refutação e à sua correção”; (ii) ganho metodológico, a temperar e rebaixar o triunfo do primeiro: a análise crítica mostra as dificuldades da análise formal quando se depara com exemplos particulares. De modo que a ambição do capítulo se põe modestamente: nada mais pretende do que apresentar um “painel variado” dessas dificuldades (Badir, 2014, p. 300).

7. O último capítulo toma como campo de reflexão *A questão epilinguística*, a partir da proposição desse termo pelo linguista Antoine Culioli. O desafio aqui é testar a tipologia hierárquica apresentada anteriormente (Cap. 5) para verificar em que medida a teoria da linguagem de Hjelmslev teria a propensão de “acolher conceitos estranhos” à sua elaboração original (Badir, 2104, p. 311). Esse o impulso à investigação por parte de Badir, qual seja: “o epilinguístico *questiona* a teoria da linguagem” (Badir, 2014, p. 312). Como o termo não é teorizado sistematicamente pelo seu autor, em publicação específica, Badir persegue extratos de entrevistas e manifestações gravadas com Culioli por Claudine Normand, para cercar seu centro de gravidade e suas irradiações. Um “primeiro balanço” sobre o epilinguístico dá a impressão de que ele parece ter sido forjado para “preencher uma lacuna conceptual” na teoria hjelmsleviana (Badir, 2014, p. 322). Epilinguismo seria um primeiro nível, espaço mental “de representações não-conscientes” por parte do falante, diferente do segundo nível, já linguístico, onde se dariam as “representações conscientes por meio dos textos” e do terceiro nível, metalinguístico, também de representações conscientes mas acrescidos das “glosas” já bem assimiladas e “domadas” pelo falante.

Ora, o primeiro nível atrai de imediato uma analogia com o “inconsciente” freudiano, isto é com a *Metapsicologia* do médico vienense. Badir, num “primeiro balanço sobre o epilinguismo”, vai propor então um quadro comparativo de “estratificação”

entre Culioli, Freud e Hjelmslev, em três níveis: Linguagem → língua → texto (para Culioli); Inconsciente → pré-consciente → consciente (para Freud); Esquema → uso → ato (para Hjelmslev), mais densamente comentado e ilustrado num gráfico à página 325. A reflexão avança por “arranjos” de ajustamento entre as concepções aí envolvidas; introduz uma discussão fortemente heurística sobre “lógica e linguística”, sobre a “lógica natural”, sobre o uso do conceito da epilinguística em sociologia para logo fazer um “segundo balanço sobre o epilinguístico” e preparar sua própria hipótese: primeiro ajustar a problemática trazida pela longa reflexão sobre o tema para, em seguida, propor uma substituição. Assim, ao “caráter extremamente alusivo da concepção do epilinguístico” (Badir, 2014, p. 345) de Culioli, cabe o conceito muito mais aberto do *epissemiótico*. Sistematiza então cuidadosamente este conceito, ajustando-o ao edifício da hierarquia hjelmsleviana, e até mesmo aplicando-o a exemplos, tais como a *pontuação* nos textos, elementos que interferem, criam, fazem parte da semiose dos textos, quase como uma “terceira articulação” (reportada à dupla articulação de A. Martinet) e, no entanto, não previstos na hierarquia da teoria da linguagem de Hjelmslev. Noutros termos, o epissemiótico dá estatuto de verdadeiro conceito operacional bem mais amplo que as reflexões esparsas e alusivas do epilinguístico de A. Culioli.

8. *Sem conclusão*. Assim termina o livro de Badir. Porque uma primeira conclusão poderia ter um cunho histórico, o de levar a localizar época e tempo de um linguista, cujas proposições teóricas vinham para rivalizar com a de seus pares e que não teve praticamente descendência linguística, apenas ficando acantonada fora da linguística, no âmbito bem mais restrito dos semioticistas. De igual modo, uma segunda conclusão abriria a questão de como atualizar tal teoria às demandas sociais, “pelo viés de uma semiótica conotativa, numa abordagem formal da linguagem”, ou então a sua articulação com a semiótica dos textos e das práticas, neste caso o passado da história cederia o passo ao futuro programático das novas pesquisas em andamento. Portanto, o melhor no caso é o convite que o autor nos propõe à reflexão: “a teoria da linguagem não é, no que a constitui, condicionada pela sua origem nem dependente das circunstâncias nas quais ela possa fazer-se valer. Ela é ao contrário sem temporalidade, isto é, onipresente” (Badir, 2014, p. 363).●

Referências bibliográficas

- Badir, Sémir
2014. *Épistémologie sémiotique. La théorie du langage de Louis Hjelmslev*. Paris: Honoré Champion. 411 páginas.

Dados para indexação em língua estrangeira

Beividas, Waldir.
Louis Hjelmslev's semiotic epistemology: an utopic language theory. Review of: Badir, Sémir.
Épistémologie sémiotique. La théorie du langage de Louis Hjelmslev.
Estudos Semióticos, vol. 12, n. 1 (2016)
issn 1980-4016

Como citar este artigo

Beividas, Waldir. A epistemologia semiótica de Louis Hjelmslev:
uma teoria utópica da linguagem.
Estudos semióticos [on-line]. Disponível em: (<http://www.revistas.usp.br/esse>).
Editores responsáveis: Ivã Carlos Lopes e José Américo Bezerra Saraiva.
Volume 12, Número 1, São Paulo, Julho de 2016, p. 83-87.
DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2016.120540.
Acesso em “dia/mês/ano”.

Data de recebimento: 13/01/2016

Data de aprovação: 14/04/2016
